

## **“ECOS” DE TROCAS OCULTAS E AMIGOS VISUAIS: PRÁTICAS DE CRIAÇÃO COLETIVA NO COTIDIANO**

*“ECOS” OF HIDDEN TRADE AND VISUAL FRIENDS:  
PRACTICES OF COLLECTIVE CREATION IN EVERYDAY LIFE*

**Julia Petiz Porto**

Mestranda PPG Artes Visuais/UFPel  
juliaporto@gmail.com

**Angélica de Sousa Marques**

Mestranda PPG Artes Visuais/UFPel  
angelica.smarques@gmail.com

**Jessica Fernandes da Porciuncula**

Mestranda PPG Artes Visuais/UFPel  
jessporc@gmail.com

**Jéferson Luís Dias da Silva**

Graduando Artes Visuais Lic./UFPel  
emaildejeferson@gmail.com

**Reginaldo da Nóbrega Tavares**

Doutorado em Educação/UFPel  
reginaldo.tavares@ufpel.edu.br

**Angela Raffin Pohlmann**

Doutorado em Educação/UFPel  
angelapohlmann.ufpel@gmail.com

### **RESUMO**

ECOS é um projeto de pesquisa multidisciplinar que investiga aproximações poéticas entre arte e tecnologia. Na pandemia do Covid-19, os trabalhos do grupo ficaram restritos às atividades remotas. Partindo dessa realidade, esse texto apresenta um processo de criação coletiva denominado “amigo secreto”, que se deu de maneira virtual pelos integrantes do grupo. Iniciamos com registros dos nossos cotidianos feitos a partir de nossas maneiras de viver a pandemia. Dessa forma, produzimos fotografias, vídeos e escritas para serem compartilhados. A metodologia do “amigo secreto” constituiu-se de um sorteio de nomes realizado entre os integrantes, motivando produções nas quais os participantes procuravam incorporar questões que haviam reverberado após o contato com o registro realizado pelo “amigo” sorteado. As produções foram compartilhadas com o grupo e, a partir delas, aconteceram novos sorteios, entrelaçando as produções de cada um, de maneira a reinventar e atualizar nossos modos de ver e sentir pelo contato com a criação do outro. O processo criativo se estendeu por dois meses e gerou reflexões sobre os materiais e as maneiras de presença poética na experiência do dia-a-dia. A imersão prolongada nesse processo criativo fomentou maior atenção ao cotidiano íntimo e estimulou nosso olhar sobre as atividades que realizamos com frequência. Perceber o dia-a-dia, e pensar em modos de apresentá-lo, nos fez ressignificar ações e objetos banais.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea. Cotidiano. Pandemia. Processo de criação coletiva.

#### **ABSTRACT**

ECOS is a multidisciplinary research project that investigates poetic approaches between art and technology. During the Covid-19 pandemic, the group's work was restricted to remote activities. Due to his reality, this text presents a process of collective creation called "secret Santa", which took place virtually by the members of the group. We start with records of our daily lives made from our ways of living the pandemic. In this way, we produce photographs, videos and writings to be shared. The "secret Santa" methodology consisted of a draw of names carried out among the members, motivating works of art in which the participants sought to incorporate issues that had reverberated after contact with the artwork made by the selected "Santa". The productions were shared with the group and, based on them, new draws took place, interweaving the productions of each one, in order to reinvent and update our ways of seeing and feeling through contact with the creation of the other. The creative process lasted for two months and created thoughts on the artworks and the different ways of poetic presence in everyday experience. The prolonged immersion in this creative process fostered greater attention to the intimate daily life and stimulated our view of the activities we frequently perform. Perceiving the day-to-day in another way and thinking of ways to present it made us reframe actions and banal objects.

**Keywords:** Contemporary art. Daily life. Pandemic. Collective creation process.

#### **Redes de troca como metodologia**

Esse texto apresenta narrativas e reflexões acerca de práticas coletivas de criação do grupo de pesquisa ECOS. A prática a ser observada é a da proposição "amigo secreto audiovisual", partindo diretamente da inspiração do jogo *amigo secreto*, popularmente realizado no natal por famílias e grupos de amigos. É importante ressaltar ao leitor que o modo de escrita que se apresenta aqui se constrói em muitas mãos, partindo de referências teóricas e poéticas, devaneios, relatos e reflexões de nossos processos.

Tradicionalmente, a brincadeira do amigo secreto é feita trocando presentes, cada participante sorteia um nome, criando assim uma rede de trocas que permanece em segredo até o momento da entrega do presente ao amigo. A revelação dos amigos secretos geralmente se dá através da descrição detalhada da aparência física e/ou da personalidade da pessoa sorteada e o presente é entregue quando os demais participantes acertam quem foi o sorteado.

Na situação proposta pelo grupo de pesquisas, as trocas de "presentes" foram realizadas com audiovisuais, fotografias, poemas e áudios. A identidade do amigo secreto não foi revelada pela descrição de suas características pessoais, mas sim pela aproximação das obras, que incorporaram elementos dos trabalhos do amigo sorteado ou faziam uma releitura da obra de quem havia sido sorteado.

A proposta do jogo surge para instigar produções no grupo diante deste novo cenário da pandemia de covid-19. Neste cenário, o grupo - assim como tantos outros grupos de pesquisa - teve que adaptar-se aos novos tempos dos encontros mediados pelas tecnologias de comunicação, de modo a orientar as atividades do grupo para o formato remoto. Se antes

os colegas podiam estar juntos e dialogar ao redor de uma mesa para discutir e apresentar projetos, ideias e objetos afins, no contexto de isolamento social o grupo considerou incentivar a produção audiovisual individual que, de alguma maneira, tocasse em como cada um estava percebendo o seu cotidiano em ação. A dinâmica da proposta inclui o compartilhamento dos trabalhos através de espaços virtuais para que pudessem ser assistidos pelos colegas e pelo amigo secreto.

Com o jogo do “amigo secreto” ficou a responsabilidade de comentar o trabalho do amigo sorteado. Este comentário emerge com a aproximação para olhar o trabalho do colega. A aproximação requer um certo cuidado, é necessário encontrar a distância adequada para se deixar ser tocado pelo trabalho, pois muito perto tem-se o risco de perder o contexto abordado, e muito longe tem-se o risco de perder o que não está em palavras ou imagens mas que está posto. A distância adequada é aquela que respeita o trabalho do colega e que habilita o olhar sensível a perceber o que há para ser discutido, comentado e sintetizado. Para Esquirol (2008) este movimento de aproximação é o respeito, aproximação que nos faz perceber alguma importância do trabalho proposto. Deste modo, o comentário do amigo secreto também ganha importância, torna-se potencializado pelas motivações do trabalho do colega, ao mesmo tempo em que se mistura com as suas próprias motivações. O comentário do amigo secreto poderia ser feito através de uma produção audiovisual ou de um texto sobre o trabalho do colega, fazendo surgir um tipo de invasão, uma extensão ou continuidade do trabalho publicado pelo colega. Este é o presente do amigo secreto, a dedicação de seu tempo, o respeito e o seu esforço para produzir um objeto intelectual na forma audiovisual ou na forma escrita que pudesse contar para o amigo sobre as suas percepções com o trabalho do colega. Por outro lado, o trabalho disponibilizado não deixa de ser um presente do colega para o seu amigo secreto, já que expõe o olhar sensível do seu cotidiano com a coragem de compartilhar em público - considerando que todos do grupo poderiam acessar os trabalhos - este olhar sensível que será examinado, tocado pelo amigo ainda secreto. Desta maneira, direcionando o olhar sensível para a produção do outro, a prática se torna assim uma metodologia lúdica de produção coletiva ao mesmo tempo em que incentiva a produção individual de cada participante do grupo.

Os processos agora acontecem em cascata, conectados: percebe-se que recebemos influências tanto do amigo secreto sorteado quanto do amigo secreto anterior dele, que despertou sua obra:

A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião. Nós participamos, colocou Heidegger enigmaticamente, na coisificação da coisa em um mundo que mundifica. Há decerto um precedente dessa visão da coisa como uma reunião no significado antigo da palavra: um lugar onde as pessoas se reúnem para resolver suas questões. Se pensamos cada participante como seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um “parlamento de fios”. (INGOLD, 2012, p.29)

As práticas do grupo, principalmente o “amigo secreto”, se desenvolvem como esse “parlamento de fios”, que advém tanto de uma necessidade de produção do projeto quanto do desejo de encontros e trocas coletivas. Como artistas e pesquisadores, permitimos que nas reuniões suceda-se este entrelaçamento de “aconteceres” que Ingold aponta, como parte integralizada tanto dos processos de pesquisa quanto de prática poética, tanto individuais quanto coletivas. Nota-se que os interesses se minam, fios em comum sobressaem nas produções, o jogo, que é também pesquisa e poética, toma suas proporções conforme o número de rodadas e participantes.

Nossa maneira de produzir arte por meio de uma rede de trocas se relaciona com a Arte Postal, também conhecida como Arte Correio e Mail Art. Ray Johnson, pioneiro do movimento, enviava obras inacabadas para uma lista de amigos pelo correio, propondo que eles interferissem nos materiais e os mandassem de volta. A partir dessa experiência, surge em 1962 a *New York Correspondence School of Art*, uma rede de pessoas que participavam dessas trocas de caráter propositivo.

No Brasil, a Arte Postal começa a ser praticada pelos artistas como forma de apresentar seus trabalhos escapando à censura instituída após o Ato Institucional número 5 (AI-5). Nos anos 70, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo formou uma rede de correspondentes que fomentou a experimentação e circulação de postal pelo país. Em 1975, a *I Exposição Internacional de Arte Correio no Brasil*, realizada em Recife por Paulo Bruscky e Daniel Santiago, foi fechada pela Polícia Federal minutos depois de abrir.

Nos anos 70 e 80 são criadas várias publicações destinadas à circulação de Arte Postal, paralelamente às redes de troca. Paulo Bruscky explica seu funcionamento:

Além dos boletins, existem as “correntes”, nas quais você faz novos contatos, remetendo um trabalho de Arte Postal para o primeiro nome da lista, que é automaticamente excluído, sendo o segundo passado para o primeiro, o terceiro para o segundo, etc., que inclui seu nome em último lugar, tira cópias, geralmente em número de dez, e as envia a outros artistas. Quando seu nome chega em primeiro lugar, você começa a receber trabalhos de vários artistas de diversos países que você nunca

havia contatado. Existem ainda os slogans criados pelos artistas, como é o caso do artista-correio alemão Robert Refheldt: “Arte é contato, é a vida na arte” e de Paulo Bruscky: “Assim se Fax Arte” e “Arte em todos os sentidos” e “Arte em Trânsito”.

O número de artistas-correio aumenta dia a dia: o subterrâneo estourou, tornando a arte simples. É lamentável que alguns artistas quebrem essa corrente, deixando de responder alguns trabalhos recebidos.

A Arte Correio é como história da história não escrita. (BRUSCKY, 1976, p. 376)

A metodologia horizontal, do “amigo secreto” desenvolvida pelo nosso grupo, em que o recebimento de uma obra motiva outra, se assemelha ao jogo experimental, proposto pela Arte Postal. Para narrar os processos de criação desses trabalhos que desenvolvemos e tramar reflexões sobre eles, utilizamos a primeira pessoa do singular pois, de acordo com Lancrì (2002), “A parte de prática plástica ou artística, sempre pessoal, deve ter a mesma importância da parte escrita da tese a qual ela não é simplesmente justaposta, mas rigorosamente articulada a fim de constituir um todo indissociável” (LANCRI, 2002, p. 20). Assim, a escrita em primeira pessoa, comum à pesquisa em arte, pontua a subjetividade dos autores ao olhar sobre o próprio trabalho.

A rede de amigos secretos, que num primeiro momento era invisível e formada por pessoas, num segundo momento se mostra ampliada. A troca de presentes entre o amigo secreto e seu amigo mistura os olhares individuais que se expressam através das produções artísticas e poéticas. As motivações de cada trabalho conectam não apenas os amigos, mas também as obras com outras obras, e obras com autores de outras obras. As produções vão se aproximando e potencializando uma iminente expansão como se fossem um novelo que se dissolve enquanto constitui novas entradas. Ao mesmo tempo, a trama é atualizada por conexões que podem ser desvios, atalhos ou caminhos longos ou até mesmo mais curtos. A rede floresce ao seu modo enquanto exhibe toda a sua exuberância criativa. Nos encontros virtuais realizados para revelar os amigos secretos, acabam por ocorrer uma profusão de ideias, observações, buscas de fatos, muitas vezes desgarradas, mas que trazem discursos e sensações poéticas. São abundantes os comentários, os pontos de vista, e as ondas de falas e argumentos que sustentam as ideias, enquanto a rede se atualiza. Em um terceiro momento, as localidades geográficas em que cada um se encontra inserem um novo aspecto, a distância como um produtor da rede. A distância em quilômetros revela uma certa vulnerabilidade e dependência das tecnologias de mediação para manter os objetivos do projeto. Embora os encontros virtuais possam reunir os participantes estampando suas imagens nas telas de computador, as telas podem tremer, apagar, atrasar a reprodução e, por instantes, congelar e desconfigurar as faces. Estas novas

circunstâncias nos colocam diante de um convívio emulado e com suas imprecisões. A Figura 1 apresenta uma ilustração resumida da rede formada.

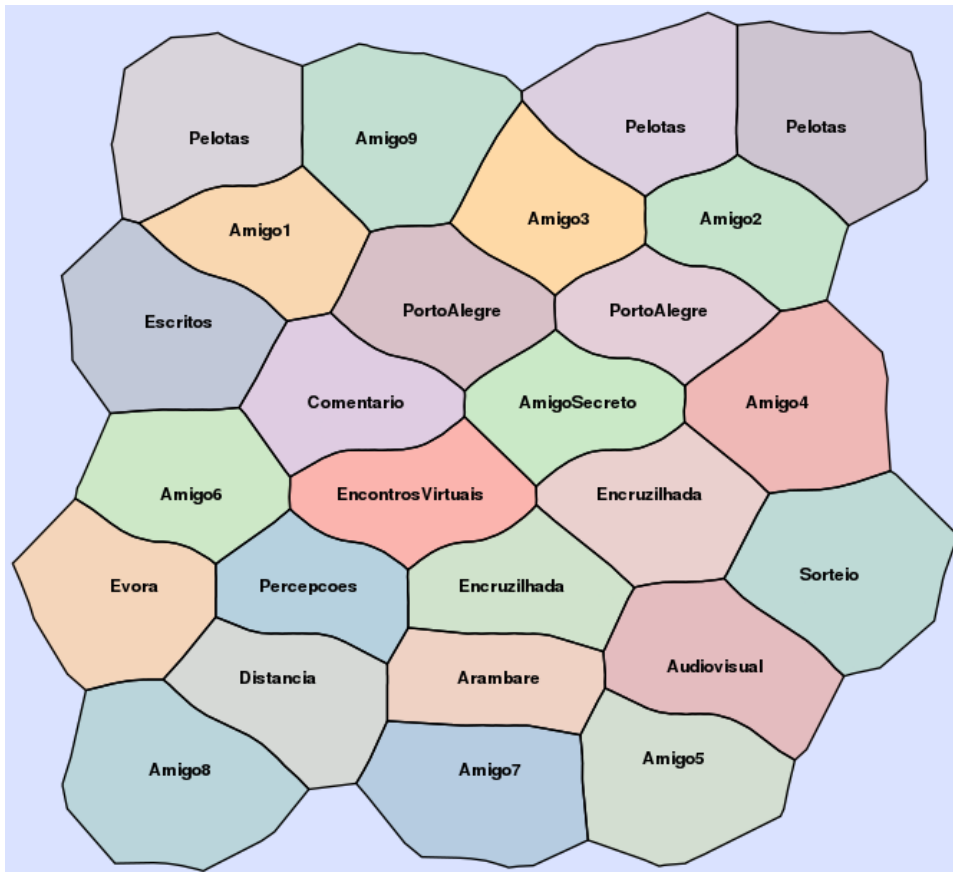


Figura 1: Rede do amigo secreto formada pelo grupo. Fonte: Acervo do grupo.

### **Só tínhamos a possibilidade virtual: narrativa de processo artístico**

Provavelmente devido ao isolamento social, sentia uma necessidade de encontros e de trocas, e naquele momento, só tínhamos a possibilidade virtual com atividades remotas. Consigo lembrar da minha euforia a cada reunião, contaminada pelos atravessamentos que surgiam em nossas conversas, proposições e ações. Então, em um de nossos primeiros encontros, inventamos a partir de algumas conversas e sugestões, um processo de criação coletiva denominado “amigo secreto”. Num primeiro momento a ideia seria registrarmos nossos cotidianos, que, nesse período, estavam refletindo nossas maneiras de viver a pandemia. Uma das sugestões que surgiram foi a de fazermos um registro, de alguma ação que se repetia durante nossa semana. Decidimos que poderíamos desenvolver essa ideia por meio de fotografias, vídeos ou textos para os compartilhamentos.



Figura 2: Registros de atribuições aos “amigos secretos”. Fonte: acervo dos autores.

A primeira revelação do “amigo secreto” foi motivante, diria até emocionante, pois compartilhávamos os nossos cotidianos em tempos pandêmicos e éramos profundamente tocados por essas vivências. Ao final da reunião, não tivemos dúvidas de que aquela troca nos contagiava motivando novas produções, onde os participantes incorporariam ao seu trabalho questões que haviam repercutido, após o contato com as criações desenvolvidas pelo seu “amigo” sorteado. As diretrizes sugeridas para os próximos “amigos secretos”, se deram de forma que as criações de cada participante do grupo se teceriam, a partir da produção - fios constituintes de um nó - do “amigo” sorteado. O que ocorreu foi que além dessas inspirações, desenvolvidas por esses fios do “amigo” sorteado, emergiram também contaminações dos processos artísticos desenvolvidos pelos outros integrantes do grupo, como rastros que teriam sido capturados, reinventando dessa forma nossos modos de ver e sentir o nosso próprio cotidiano. Retomando Ingold (2012, p.29) “A coisa, [...] onde vários acontecimentos se entrelaçam”, quando concebida como um “parlamento de fios”, se caracteriza como “um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (INGOLD, 2012, p. 29).

Como consequência desse transbordamento, passamos a observar com um certo cuidado e com outro tempo, um tempo mais dilatado, ações que antes nos pareciam banais,



corriqueiras, incorporando talvez, uma presença poética em nossas ações cotidianas, e assim as ressignificando.



Figuras 3, 4 e 5: Registros de atribuições aos “amigos secretos”. Fonte: acervo dos autores.

A partir da segunda revelação do “amigo secreto”, o processo tornou-se mais potente, no momento em que assistíamos ao trabalho de um dos integrantes do grupo, o qual tinha se inspirado na produção do seu “amigo” sorteado, e o restante dos participantes tentava descobrir de quem se tratava. Com base nessa prática, as produções artísticas foram se tecendo de tal maneira, que as contaminações geradas pelo grupo se apresentavam em várias situações - nas fotografias, nos vídeos, nos poemas, nos textos e nos áudios - o que nos deixava encantados com as peculiaridades que surgiam durante todo o processo, enriquecendo e afetando a todos nós. Esse encantamento, que existe durante o processo, impulsiona o artista a desejar que os outros também se encantem, e assim podermos tornar o mundo um lugar melhor para ser vivenciado (KINCELER, 2008).



**Afinal os sentidos eram mínimos, o medo era grande, e por meio disso, generoso:  
narrativa de processo artístico**

Pensar no acontecimento nas trocas de presentes propostas pela atividade no grupo de pesquisa multidisciplinar ECOS, é antes de mais nada, falar em presença, instituindo o questionamento, e ao mesmo tempo me movendo: como me coloco presente no espaço composto pelo grupo de pesquisa? A presença acontece de diversas formas, envolvendo os sentidos, em alguns casos uns se destacam mais que outros, ou também, pode existir de vários sentidos estarem presentes [em atrito] ao mesmo tempo. Acredito que o momento de partilha e a constituição de presentear um amigo na proposta, nos torna presentes.

O que tornou difícil, em meu ponto de vista, foi compartilhar conteúdos que interferem na ordem e nos sentidos dos produtos elaborados pelos “amigos secretos”, mas essa interferência é interessante, ela complementa de forma não contínua aquilo que foi apresentado, o que não impede de complementar o trabalho do colega. As elaborações sempre partiram de semelhanças ou interesses ocasionados por meio das exposições dos trabalhos anteriores; entretanto, o medo era sempre pela dúvida de realmente atribuir algo que fizesse algum sentido.



Figuras 6, 7, 8 e 9: Registros de atribuições aos “amigos secretos”. Fonte: acervo dos autores.

A atividade proporcionou algo relevante de se definir referente ao ato de trocar imagens. A palavra *troca*, pode ser compreendida como *restituir*, evocando Georges Didi-Huberman (2017) quando nos pergunta a quem pertence as imagens? Nem todos os presentes trocados eram visuais, existiam fragmentos textuais, entretanto, através das sensibilidades por meio de suas leituras legitimou-se imagens. Também esse texto nos faz refletir sobre imagem públicas e imagens privadas, em uma atividade de trocas fica visível o exercício de *restituir*, afinal os sentidos eram mínimos, o medo era grande, e por meio disso, generoso:

*Generosidade da restituição: restituir é antes de mais nada qualquer troca e, mesmo, como sugere Derrida (1974, p. 269-270), antes de todo estado de “ser”. É dar sem reter, sem resto, sem interesse, sem capital, sem processo de apropriação ou expropriação (DERRIDA, 1972, p.27). É dar de forma que a relação ao outro se tome antes de toda a dívida e, mesmo, antes de toda a violência [...] (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 211, grifos do autor)*

As atribuições e a criação de presentes para os amigos podem ser compreendidas como “microações” (Mattiuzzi, 2013) em que o acontecimento se constitui em sua apresentação, já que até então tudo é oculto e o que torna a imagem pública. As imagens compartilhadas estão entre o público e o privado e totalmente fora de suas instituições; na verdade, a partir de cada restituição colocamos ela em sua instituição novamente ou retiramos ela dessas instituições, e retomamos a pergunta sobre o pertencimento da imagem, ou dos presentes ou trocas.

Sobre os sentidos, gosto de defini-los em minha experiência, com base em palpitações de acordo com a performer e artista visual Michelle Mattiuzzi (2013), em seu programa de performances. Um corpo que apenas reage a situações inusitadas, “lançado ao desconhecido”, ao mesmo tempo reage ao próprio corpo quando as coisas não fazem sentido. A artista pondera seu ato de performar como um corpo sem órgãos. Penso que toda vez que tentei atribuir sentido ao que compartilhava ou experiência, o corpo ganhava novos órgãos, ou eles voltavam a funcionar em meio ao que funcionava de uma forma em que o corpo não reconhecia, se encontrava vazio.

É marcante a dimensão política da imagem no texto do Didi-Huberman (2017), e ao mesmo tempo a potência do se pensar o corpo em ação, produzido por movimentos, como nos propõe Musa Michelle Mattiuzzi (2013). Notavelmente, tornou-se necessário e atraente uma reflexão sobre o poder de possuir as imagens ou nas palavras de Didi-Huberman, de anexar, tirá-las de suas instituições. Ao mesmo tempo, pensar o corpo que produziu imagens, e o que é desconhecido: o corpo? ou o espaço em que ele se movimenta?

## **Eu seria de melhor proveito para mim: narrativa do processo artístico**

Nesta altura do texto, é importante avisar que a conversa por vir é de uma convenção mais poética, inspirada na poesia concreta, trazendo anotações, mostrando sugestões de leituras, fragmentos de conversas, trocas de ideias e aproximações realizadas nos encontros.

como,

o “livro dos abraços”, de galeano, trazido mais de uma vez nas reuniões e na vida,

o “poema sujo” de ferreira gullar , lido pelo Joaquim

ver o site, principalmente os textos da musa mattiuzzi

leio o poema “pedido” do nietzsche, no livro “gaia ciência”

Conheço o espírito de muitos homens  
Mas não sei quem sou eu mesmo!  
Meu olhar é demasiado próximo de mim —  
Não sou o que vejo e o que vi.  
Eu seria de melhor proveito para mim  
Se de mim pudesse estar mais longe.  
Não tão distante quanto meu inimigo, claro!  
Já o amigo mais próximo está longe demais —  
Mas entre nós dois há o meio caminho!  
Adivinham vocês o meu pedido? (NIETZSCHE, 1884-1900, p.29 )

alguém cita bergson, fala do vai e vem de um pólo e outro

merleau ponty e a maneira como resolvia os opostos

o quiasma

o entrecruzamento

o olho e o cérebro

ela me inspira e lê: "Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus... o mundo é isso, um montão de gente, um mar de fogueirinhas, cada pessoa brilha com luz própria entre as outras". (GALEANO, 1995, p.13)

o ver e o pensar

cada dia, cada troca

ensinava mais sobre nós mesmos

conhecemos e conhecemo-nos

o ato criativo como um deslocamento, quando olho para mim com consciência criadora (potente), olho/estou segura comigo a ponto de permitir sinceridade para sentir em esgotamento e/ou em potencial a experiência e suas camadas; o ato está no caminho, como um tropeço; o percurso vai e vem, é necessária uma volta a esse lugar de forma crítica, assumindo, apropriando, tomando para si; lembrar de buscar por outras margens de si mesmo; o movimento não é apenas

espacial, mas temporal, podendo existir apenas no presente; não se ignora passado e futuro, mas é primordial estar presente, só assim para ser de melhor proveito para mim, para nós.

### **Palavras prontas e conclusões silenciosas**

O processo criativo descrito neste texto é coletivo e colaborativo, é também, individual e participativo.

Durante um dos nossos encontros, um colega compartilha conosco um poema:

alguém  
que fala pouco  
um dia me disse  
que a palavra  
mais precisa  
ou a que você  
mais precisa ouvir  
só fica pronta  
depois de muito  
muito muito  
silêncio (MELO, 2018)

Contemplamos o poema *Lavoura* de Tarso de Melo, percebemos como a prática do amigo secreto enlaçou conversas entre as poéticas, suscitadas em distintas linguagens, como palavras, imagens, sons, inclusive as silenciosas. Que a prática extravasou nossas expectativas como projeto, expandindo-se à construção das poéticas particulares dos integrantes do grupo, além de propor a paisagem de uma produção coletiva. Tal projeção se deu devido aos olhares debruçados e sinceros de cada um com o outro, do permitir-se ao silêncio e distanciamento de si para produzir sob influência concedida de outro cotidiano.

## Referências

- BRUSCKY, Paulo. Arte Correio e a grande rede: hoje a arte é este comunicado. In: COTRIM, C.; FERREIRA, G. (Orgs.). **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (374 - 379)
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Devolver uma Imagem**, 2017, p. 205-225. In: ALLOA, Emmanuel (org.) *Pensar a imagem*. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Filô/Estética)
- ESQUIROL, Josep M. **O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia**, 2008. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- KINCELER, J. L. As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “Vinho Saber – Arte Relacional em sua forma complexa”. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS**, 17., 2008, Florianópolis. Anais Eletrônicos [...]. Florianópolis: Udesc, 2008. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/162.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (orgs). **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002. 15-33.
- MATTIUZZI, Musa Michelle. “Breviário sobre uma Ação Performática: Só entro no Jogo!”. **Revista Performatus**, Inhumas, ano 1, n. 5, jul. 2013. ISSN: 2316-8102.
- MELLO, Tarso de. In: LAVELLE, Patrícia e BRITO, Paulo Henriques. **O nervo do poema: antologia para Orides Fontela**. Belo Horizonte: Relicário. 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Gaia Ciência**. (1844-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.